

CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 292/2014

A CRISE DA VENEZUELA

A Venezuela, com suas imensas reservas de petróleo, foi, desde sempre, juntamente com Cuba e as repúblicas centroamericanas, o quintal mais explícito de dominação do grande Império do Norte. Décadas e séculos desta subordinação produziram uma economia exclusivamente petrolífera, que exportava seu petróleo e importava todo o seu consumo dos Estados Unidos, dirigida por uma classe dominante inteiramente associada aos interesses norteamericanos, que formava seus jovens nas universidades do Norte e desprezava o povo da maior favela da América do Sul.

O absurdo desta situação acabou por suscitar, no final do século passado, um sentimento nacional de inconformidade nas Forças Armadas, que encontrou um líder de pensamento e retórica articulados, capaz de e disposto a mobilizar o povo venezuelano em torno de um projeto de emancipação inspirado na figura histórica do libertador Simon Bolívar: emancipação em relação ao Império do Norte e às elites locais enriquecidas na associação com ele.

O Coronel Hugo Chávez, tinha efetivamente ímpeto e capacidade de liderança. Pouco afeito ao diálogo político, treinado no comando como todo militar, tentou primeiramente o golpe de força para tomar o poder e foi derrotado. Persistiu no seu intento e teve então que exercitar o jogo político, a arregimentação pelo discurso, era talentoso, candidatou-se seis anos depois e elegeu-se Presidente em 1998. Com apoio popular, convocou um plebiscito e uma Constituinte, fez uma reforma política que aumentou os poderes do Presidente, candidatou-se novamente pela nova regra, e reelegeu-se folgadoamente em 2000. Objetivo e audacioso, traçou uma política de completa autonomia nacional e de grande projetos de redistribuição e melhorias substanciais das condições de vida da população empobrecida. Sofreu um golpe em 2002, que o tirou do poder e o pôs na prisão por três dias; golpe que teve apoio ostensivo da Embaixada Americana, que foi condenado pelo Brasil e pelos países sulamericanos, e que foi derrotado pela maciça manifestação popular e pela reação do Exército fiel ao seu líder. Voltou ao poder mais forte, aprofundou seu programa de governo, realizou profundas reformas sociais com imenso apoio popular, criou o Movimento Bolivariano, para implementar o socialismo sulamericano, reelegeu-se plenamente em 2006, avançou mais nos seus programas e foi vitimado pela doença grave que o matou em 2013, antes dos sessenta anos.

Deixou a marca de sua forte liderança em todo o Continente e foi um dos principais articuladores da UNASUL, a União das nações sulamericanas. Seu estilo direto e ousado diferenciou-o da liderança de Lula, de avanços mais prudentes, à maneira política brasileira, buscando a linha da viabilidade mais segura. Um dia a História dirá algo sobre as conversas entre eles, que se respeitavam, se alinhavam perfeitamente nas ações, se admiravam mas mantinham seus estilos próprios.

O sucessor de Chávez, Nicolás Maduro, não tem a liderança, o talento e o carisma do grande líder. Conseguiu vencer a disputa eleitoral, obteve vitórias nas eleições locais e regionais que se seguiram, sempre, entretanto, com margens apertadas, e enfrenta hoje enormes dificuldades econômicas e políticas.

Roberto Saturnino Braga

Contatos: saturninobraga@saturninobraga.com.br
www.saturninobraga.com.br

CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 292/2014

Claro que as condições objetivas são bastante diferentes, as dimensões econômicas e políticas do Brasil são bem maiores; mas as dificuldades brasileiras, resultantes da crise internacional e do natural desgaste do poder que o tempo provoca nas democracias, as dificuldades do PT são incomparavelmente menores do que a do bolivarianismo na Venezuela. É certo que o preço do petróleo despencou e que Maduro não é Chávez; mas despencaram também os preços das commodities brasileiras e Dilma também não tem o carisma de Lula. Entretanto, não há perspectiva de derrubada, de golpe no Brasil, nem mesmo de vitória eleitoral dos partidos direitistas anti-lula, apesar do ódio desesperado das elites conservadoras (a única surpresa, a meu ver, pode vir de uma candidatura mais à esquerda).

Essa diferença de gravidade da crise pode ser devida às diferenças de forças e dimensões entre os dois países; mas pode também ser resultado de uma ousadia imoderada que Lula via nas ações de Chávez, no enfrentamento atrevido com o Império do Norte que historicamente governou a Venezuela. O fato é que o enfraquecimento econômico e político do Bolivarianismo abriu o ensejo para uma ofensiva golpista de alto poder destrutivo que está sendo contida com grande dificuldade: sabotagem econômica, desabastecimento, inflação alta, protestos violentos nas ruas. Com evidente participação direta da CIA e da Embaixada Americana como revelou o Wikileaks: é a oportunidade que esperavam para assestar um duro golpe no MERCOSUL, na UNASUL e em toda a onda política emancipatória dos países sulamericanos.

Bem, a guerra não está perdida e Maduro ainda pode dominar a crise; a oposição golpista cometeu o erro de radicalizar na violência sob o comando de um sublíder extremado e não muito respeitado, Leopoldo López, que dividiu as forças antes lideradas por Capriles; a Embaixada Americana também se arriscou incompetentemente ao enviar três diplomatas para articular abertamente os protestos de rua com os opositoristas.

Pode ser que o Presidente Maduro vença o confronto. Tomara que vença; desejo com todas as forças que vença, em defesa dos interesses sulamericanos e brasileiros. Acho até que vai vencer. Mas fica a lição da realidade: em política, ousadia em excesso tem um preço; a prudência brasileira avança com mais viabilidade.

Roberto Saturnino Braga

Contatos: saturninobraga@saturninobraga.com.br
www.saturninobraga.com.br